

Alguns problemas castrejos: cobertura das casas

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. Cat. da Fac. de Ciências da Universidade do Porto
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

São muitos os problemas postos em torno dos castros e da cultura castreja.

Não pretendo sequer enunciá-los.

Apenas apresentar mais um tentame referente a casas castrejas e sua cobertura.

Casas grandes

O primeiro é respeitante a casas excepcionalmente grandes que aparecem em alguns castros ou citânias.

Na citânia de Briteiros, por exemplo, há uma grande casa circular com 11 metros de diâmetro.

No castro de Carvalhelhos, na sua vertente leste, a poucos metros da muralha do recinto cimeiro, há uma casa rectangular com 6,20 metros de comprimento por 2,30 metros de largura.

Para que serviriam estas casas grandes?

A primeira hipótese que pode pôr-se é a de que poderiam bem ser, como que, armazéns, onde se guardassem coisas que, pelo seu volume, necessitassem de grande espaço para conveniente abrigo.

Poderiam servir para armazenar bens comunitários.

Outra hipótese.

Sabe-se que, um grande número de casas circulares têm, em média, 3,50 a 4 metros de diâmetro.

Nelas viveria o casal.

Enquanto os filhos eram pequenos, muito naturalmente, dormiriam com os pais ou ao lado.

Quando os filhos atingem certa idade impõe-se o seu afastamento.

Em alguns castros e citânias em que são patentes grupos de casas, ou melhor, casas em grupo, consideradas familiares, muito naturalmente os filhos passariam a dormir à parte nas casas anexas.

É bem provável que fosse esta a regra geral.

No entanto, noutros casos podia bem ser que as coisas se passassem como se passam em certas aldeias indígenas africanas.

Numa das campanhas da Missão Antropológica de Moçambique, que tive a honra de chefiar, numa aldeia zambeziana de Moçambique, com cerca de uma dúzia de famílias, vi duas grandes palhotas que me impressionaram pelo seu grande tamanho. Eram, uma, o *goéro* dos rapazes, a outra, o *goéro* das raparigas. Numa dormiam os rapazes desde os 6 ou 7 anos até se casarem. Na outra as raparigas em iguais condições.

Pode bem ser que pelo menos em alguns pequenos castros, se neles existirem duas casas excepcionalmente grandes, as mesmas tenham desempenhado o mesmo papel dos *goéros* indígenas zambezianos.

É de crer que as casas grandes castrejas pudessem ter outras finalidades, e certamente teriam.

Julgo porém que não será inteiramente descabido atribuir a algumas o papel de dormitório colectivo de jovens do mesmo sexo, e, nas grandes citânias, do mesmo bairro.

Cobertura das casas castrejas

Entre os problemas relacionados com as casas dos castros do noroeste peninsular, o da cobertura das mesmas tem sido abordado por vários autores, e, como é natural, as opiniões e pareceres têm sido vários.

As casas dos nossos castros do norte de Portugal e dos da Galiza, são, fundamentalmente, de dois tipos; redondas ou circulares e rectangulares. Há-as grandes e há-as pequenas.

Das casas redondas o tipo mais frequente é o que tem cerca de três a quatro metros de diâmetro, embora as haja bem maiores. Uma na citânia de Briteiros, tem um diâmetro de nada menos de onze metros.

Na citânia de São Julião de Caldelas, que ocupa o alto e as vertentes E, S e O dum monte situado entre as freguesias de São João de Coucieiro e S. Vicente da Ponte de Caldelas, ambas no concelho de Caldelas, há também uma grande casa com 11 metros de comprimento.

Esta grande casa vem citada no trabalho *Citânia de São Julião de Caldelas*, do Reverendo P.^o João de Freitas e publicado em «O Arqueólogo Português». Série III, vol. v, págs. 133 a 138 e 7 figs.

A pág. 136 deste trabalho a casa vem assim descrita: «Casa n.^o 6 — ... formada pela união de duas casas circulares cilíndricas, sendo a do extremo norte, de diâmetro menor. Mede de comprimento 11 metros, nela estão duas pedras rectangulares que seriam bancos, outra semelhante um cachorro de suporte. Encontraram-se no entulho desta, sessenta pesos de tear de barro, alguns deles, feitos de pedaços de tégula com o respectivo orifício e mais um de pedra. Destes pesos, um com dois orifícios e num dos orifícios um ferro».

Quem sabe se esta grande casa não teria sido oficina de tecelagem?

Como em muitas casas redondas aparece no centro do pavimento uma pedra com um buraco na face superior, muito logicamente se conclui que nela assentaria a ponta duma vara bem seca, a qual, posta a prumo, serviria como que de coluna, aguentando em parte a cobertura da casa.

As mais das vezes tal cobertura seria de natureza vegetal, de palha ou giestas, mas também podia ser formada por placas de xisto.

Pois bem: a existência da tal pedra a meio da casa redonda implicando a ideia lógica da vara posta ao alto, levou alguns autores a concluir que a cobertura de tais casas seria cônica.

Evidentemente que o podia ser embora nos pareça que o não devia ser.

Vejam os porquê.

Sem dúvida que é muito mais simples estender a palha num plano, do que distribuí-la por uma superfície cônica.

É simples, e fácil, pôr um grosso ramo de árvore com as pontas assentes na parede da casa e, a meio, especado pela vara posta ao alto, o que, além do mais, assegura o conveniente e perfeito aprumo da vara.

Também é mais simples fazer uma espécie de grade de ramos delgados assentes, dum lado na parede, e, do outro, no ramo grosso posto ao través e especado na vara, do que fazer uma armação cônica.

Feita a grade com os ramos delgados em malhas de dimensões convenientes, pronta e facilmente se lhe assentava a palha ou até placas de xisto.

A palha seria aguentada com pedras ou ramos de árvore como hoje se pode ver nas casas cobertas de colmo de algumas das serras do norte de Portugal, como por exemplo na de Barroso.

Outra vantagem seria a de darem maior altura à parede da casa do lado donde soprassem os ventos dominantes. Deste modo a palha da cobertura não estava tão sujeita a ser levantada pela impetuosidade dos ventos fortes, como está a palha de uma cobertura cônica que fica, digamos, aberta a todos os ventos, qualquer que seja o quadrante de que soprem.

Nas casas de pequeno diâmetro, quando o ramo posto ao través fosse suficientemente grosso, a sua conveniente resistência podia bem dispensar o espedaço da vara posta ao alto.

A substituição da cobertura de palha por telha é fácil numa cobertura de uma água só, ou mesmo de duas águas.

Um telhado de tégulas e imbrices, isto é de telhões rectangulares e de telhas caneladas, estas postas de capelão a cobrir as frinchas de ajuste ou encosto das tégulas, seria muito fácil montá-lo num arranjo quer de uma água só, quer de duas águas.

A Etnografia ajuda a credenciar aquilo que acabamos de expor quanto à cobertura das casas redondas castrejas.

Em muitas aldeias do leste trasmontano é frequente ver nas faceiras que rodeiam o povoado um maior ou menor número de pombais, que são quer redondos quer em ferradura, e sempre com telhado de uma água só.

Num grupo de palheiros da aldeia de Maçores, que visitei há cerca de vinte anos, o telhado era em duas águas com telhas caneladas postas em fiadas alternas de caleira e de capelão.

Há anos, em Fevereiro de 1966, numa volta pelo Alentejo, vi, na freguesia de Gomes Aires, concelho de Almodôvar, à borda da estrada, as duas velhas casas redondas que vão reproduzidas na fig. 1 nas quais são patentes, lado a lado, dois tipos de cobertura, numa água só e em duas águas. Ao lado havia um terceiro velho moinho de cobertura em duas águas.

Velhos moinhos? É possível.

A fig. 2 reproduz um pombal de cobertura numa água só.

Pelas considerações que fizemos parece não ser descabido supor que a cobertura das casas castrejas redondas seria de uma água só, e, nas casas de maior diâmetro, talvez em duas águas, embora pudesse ser também só de uma água.

Esta hipótese, falível como quase todas as hipóteses, tem pelo menos a força e o nível da simplicidade e o apoio comparativo da Etnografia com a objectividade de casas de planta circular e, como dissemos, com telhados de uma ou de duas águas.



Fig. 1 — Moinhos velhos, à borda da estrada para Ourique, na Aldeia dos Fernandes, freguesia de Gomes Aires, concelho de Almodôvar. Um com o telhado em duas águas e o outro de uma água só.

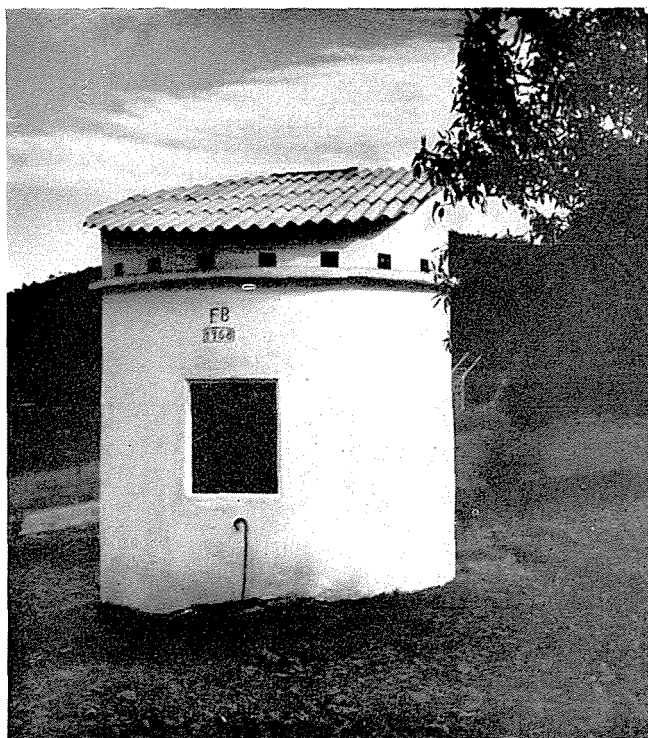


Fig. 2 — Pombal na freguesia do Felgar, concelho de Moncorvo.